

ARTE E SAGRADO: A SIMBOLOGIA DO LÓTUS NO BUDISMO TIBETANO

Ládice da Costa Ieker Canella

INTRODUÇÃO

Uma aproximação da história do budismo tibetano permite de imediato uma conexão entre religião e arte seja pela beleza do colorido e das formas de representações de seus mitos, lendas e símbolos, seja pelos templos com seus ícones, esculturas e pinturas de divindades, seja por tantas outras representações de sua religiosidade milenar. Um estudo dessas representações aponta para a ideia de que a arte no budismo tibetano deve ser entendida como um caminho de busca espiritual, ao qual afluem, entre outros, dois elementos: estética e ética. E nesse contexto a flor ocupa um lugar de destaque na representação do imaginário simbólico.

Outro elemento simbólico ligado à flor é o feminino, notadamente a fertilidade e o nascimento, pelo que nos propomos uma pequena passagem, ainda que a voo de pássaro, pela tantra-yoga, onde o simbolismo do lótus também se encontra presente.

A nossa abordagem, situando-se na tradição do budismo tibetano, privilegia o simbolismo do Lótus, analisando a representação simbólica e arquetípica da flor enquanto imagem mítica.

O elemento radical de flor (*flos, floris*) é *bblo*, expressando a ideia de brilhar, florir (BRANDÃO, 1993) e sua simbologia é das mais antigas de toda a Humanidade, representando aspectos como perfeição da natureza, beleza, amor e glória. Relaciona-se, também, com aspectos religiosos, como entrega a Deus, evolução espiritual.

Assim podemos encontrar essas flores simbólicas e seu desabrochar como referência à ordem macroscópica, ao florescer do universo dentro de cujos confins, nós vivemos ou ao abrir microscópico da consciência de um indivíduo. Nesse sentido, o Lótus oferece um símbolo especialmente feliz; (CAMPBELL, 1994, p. 218)

No budismo tibetano, encontramos referências a Shambhala, um reino mítico oculto, mencionado tanto no *Kalachakra* Tantra quanto nos textos da cultura Zhang Zhung, que antecedeu o budismo no Tibete ocidentalⁱ. Shambhala, todavia, não existe no mundo físico, sendo conhecido como “Reino Oculto”. Os textos religiosos tibetanos descrevem a natureza física com detalhes, com sua estrutura semelhante ao lótus de oito pétalas, ali, oito regiões aparecem cercadas de montanhas (Jeffrey, 2002).

Ainda no Tibete, tem-se sua iconografia representando a imagem de Vajradhara e Vajrasattva, estreitamente abraçados numa formação conhecida como ‘yab-yum’ⁱⁱ: nessa representação, as duas figuras se fundem uma na outra em suprema concentração à absorçãoⁱⁱⁱ,

encontrando-se sentados num trono de Lotus que simboliza o Portal do Universo, em régia atitude de calma imortal.

Na Yoga, que é um dos principais elementos do Tantrismo, existe uma anatomia secundária teórica em todo homem: trata-se aqui de um sistema abstrato que possui centros (*cacras* ou chacras), localizados ao longo de uma coluna espinhal abstrata e que são representados por círculos ou flores de lótus.

Tal dimensão representativa permite dizer que esta flor tem aquela *qualitas occulta* definida por Jung (1984) e uma mística própria, passeando por várias culturas, de sorte que a sua construção interpretativa carregada de significados de expansão espiritual, do sagrado, do puro e, também, de uma estética do belo, que se relaciona, por um lado, o imaginário tibetano^{iv} e, por outro por outro lado, está relacionada com a mística do tantra-yoga, pois os *cacras* ou chacras são representados simbolicamente por essas flores.

DESENVOLVIMENTO

A flor de Lótus

O Lótus é uma planta aquática da família das ninféáceas, conhecida também como Lótus-egípcio, Lótus-sagrado ou Lótus-da-Índia, sendo nativa do sudeste da Ásia, principalmente Japão, Filipinas e Índia. É venerada por muitos povos como símbolo máximo da pureza espiritual.

Pesquisadores da universidade de Adelaide na Austrália estudam uma estranha característica da flor: ela é a única planta capaz de regular o calor interno. Assim como os seres humanos, ela é capaz de manter sua temperatura em torno de 35 graus, configurando um sistema de auto-regulação de calor só encontrado em organismos complexos (por exemplo, nos mamíferos). (SHEN-MILLER, 2013)

Segundo cientistas da Austrália, Estados Unidos, China e Japão, existem casos documentados de sementes de lótus que sobreviveram e continuaram viáveis por 1.300 anos. Esses estudam outra curiosidade do lótus: suas folhas são auto-limpantes, isto é, têm a propriedade de repelir microrganismos e poeiras, bem como anotam sua presença no registro geológico há 135 milhões de anos atrás. (SHEN-MILLER, 2013).

Uma lenda indiana conta que os deuses da água, do fogo, da terra e do ar encontraram-se para conversar nas proximidades de um lago e, ao se despedirem, quiseram deixar uma lembrança desse encontro: criaram, então, a flor de Lótus.

É importante destacar que existem duas espécies de plantas que são conhecidas como “lótus”: *Nymphaea caerulea* (lótus azul, lírio azul, lótus sagrado) designa uma espécie de planta aquática que habita as planícies alagadas do rio Nilo; *Nelumbo nucifera* (lótus branco) é a espécie comumente conhecido como lótus. Essa é a planta que como veremos tem menção na “Odisséia” de Homero, bem como é reverenciada e sagrada na prática da meditação no Tibete.

De toda forma, guardadas essas diferenças, existe um entendimento pacífico sobre sua beleza, muitas curiosidades e lendas são suscitadas e inspiradas por essa flor, contudo merece destaque sua representatividade no plano metafísico: assim, dizem, ser ela a síntese do que é profundo (que está em baixo) e do que é elevado (do que está em cima); da escuridão (representada pelos pântanos onde nasce) e da luz (representada pelo sol, para o qual ela se volta); do material e do imaterial, das individualidades e da universalidade, do que tem forma e do sem forma.

“*Lotus de muitas cores e formas, azul, rosa, amarelo e branco, proveniente do leito de um lago, crescendo morosamente até a superfície.*” (CAMPBELL, 1994, p. 218.), crescendo para o sol, desvelando sua beleza e, quando se investiga a essência íntima dessa beleza, verifica-se que ela reporta um conhecimento mais profundo da essência do mundo, tanto no que diz respeito ao sujeito que possui a sensação do belo quanto ao objeto que a ocasiona; um conhecimento que não pode ser comunicado a não ser pela arte.

Além de sua unânime beleza e das lendas que inspirou, incontestavelmente, é no plano metafísico que sua representatividade se destaca.

Segundo Campbell (1994), uma das atividades principais na produção imagética é a criação das imagens artísticas (os ícones em si), sendo a criação de tais imagens, talvez a forma mais antiga de simbolização humana, para sentir a presença do sagrado.

Grécia

Na mitologia grega vamos encontrar a flor de lótus sendo utilizada por um povo que vivia numa ilha perto do Norte da África: os **lotófagos**. O seu nome foi oriundo do fato de se alimentarem das flores e frutos da planta: “loto”, significando a flor que existia em grande quantidade nesse lugar + “fago”, referindo-se a comedor. As plantas são aqui descritas como narcóticas, causando tanto sonolência como um esquecimento/fuga da “realidade”, fazendo-os esquecer o tempo e espaço.

Na Odisseia^v, Homero conta que Ulisses e os seus companheiros desembarcam na ilha

dos lotófagos. Ulisses envia três homens para investigar a ilha. Os moradores (comedores de lótus), embora sejam pacíficos, oferecem, através de seu fruto, “doce como o mel”, o eterno presente do esquecimento. Com isso, eles se esquecessem de abandonar a ilha. É esse enfrentamento contra o esquecimento que faz com que Ulisses, para salvar seus homens, os amarre aos seus assentos no navio, até que consigam abandonar a ilha^{vi}.

Egito

No Egito antigo, durante o regime das Escolas Secretas, o Lótus foi considerado sagrado, sendo símbolo da obtenção da virilidade perfeita e, também, da obtenção, pela evolução espiritual, da perfeita consciência. (ALVES, 2000)

As pinturas egípcias, principalmente no interior das pirâmides, mostram frequentemente a presença de flores de Lótus azul e nessas representações, a flor de Lótus é também apresentada como planta sagrada, pertencente ao mundo dos deuses.

Além de representações da flor em dançarinas e rainhas, também a encontramos nas figuras de Nakht^{vii} e sua esposa, ambos segurando uma flor de Lótus e aspirando a sua fragrância numa oferenda de flores; de Nefertem, deusa egípcia do perfume, que tem como um de seus símbolos, a flor de Lótus; e até mesmo os quatro filhos de Hórus diante de Osíris, em pé sobre um Lótus azul. Estas representações evidenciam a grande vitalidade dessa simbologia no Egito onde a flor é representada principalmente como “lótus azul”.

No imaginário egípcio a flor testemunha a criação do universo, tanto que um dos mais interessantes relatos sobre essa origem conta que num tempo muito distante, quando o universo ainda não existia, um cálice de Lótus com as pétalas fechadas flutuava nas trevas. Entediada com o vazio, a flor pediu ao deus-Sol Rá que criasse o universo. Tendo criado, a flor agradecida pelo desejo realizado passou a abrigar o deus-Sol em suas pétalas durante a noite de onde ele sai ao amanhecer para iluminar a sua criação.

Segundo outro relato, este uma síntese menfita da Baixa Época, o demiurgo tendo antes se manifestado em Ptah, suscitou o *hemenu* ou *ogdóade* (conjunto de oito divindades: quatro masculinas, quatro femininas): os elementos masculinos da *ogdóade* ejaculam para uma flor de Lótus que flutuava fechada no oceano. Quanto esta flor se abre surge um menino, o deus solar Ra ou Ré: este acontecimento trouxe o sol para o mundo: também aqui o Lótus é tido como berço do sol.

O Livro Egípcio dos Mortos menciona em seu texto que “o desejo dos faraós era transformar-se na flor azul da água sagrada, de modo que seu corpo possa ter novo nascimento e ascender ao

céu diariamente”, e, talvez por isso, indícios de flores de lótus azul tenham sido encontrados espalhados sobre o corpo de Tutancâmon, um dos faraós do antigo Egito. Uma pintura desse faraó mostra uma flor de lótus azul emergindo de sua cabeça: aqui a flor representa o olho que tudo vê.

Índia

Também é assim na Índia, pois na mesma linha da crença egípcia o lótus também está relacionado com a criação do mundo e com a representação simbólica do sol, sendo que Campbell (1994) complementa que o iniciante nos estudos da iconografia indiana logo aprende a equação “*Lótus igual a sol*”, que trata tanto do sol macroscópico (que ilumina a terra com sua luz dourada), quanto microscópico, no recôndito do coração de cada adepto.

No *Madri Upanishad* indiano encontra-se:

O que é aquele Lótus e em que consiste?

Aquele Lótus é o mesmo que espaço: os quatro quadrantes e os quatro pontos intermediários são suas pétalas. O Espírito Vivificante e o Sol, esses dois, empenham-se em se aproximar um do outro. (apud CAMPBELL, 1994, p. 223)

A flor representa o sol (coração do espaço) e o coração (sol do corpo), macrocosmo e microcosmo. “*E conseqüentemente, o Lótus aberto ao sol simboliza o conhecimento que desabrochou plenamente dessa verdade espelhada, ao passo que os Lótus em botão marcam estágios de aproximação a essa realização.*” (CAMPBELL, id., ib.)

De acordo com as escrituras indianas, do umbigo de Deus Vishnu Narayana nasceu uma brilhante flor de Lótus e quando esta se abre surge Brahma^{viii}, sentado em seu centro, para viver seu kalpa, o dia de Brahma^{ix}. Por isso ele também é chamado de “lótus nascido”, tanto no *Mahābhārata* quanto em algumas partes dos *Purānas* (Gnerre, 2013b).



Figura 1: A flor de Lótus brota do umbigo de Vishnu e dela nasce Brahma

“No *Bhāgavata-purāna*, o lótus é utilizado como um símbolo da beleza do Senhor Vishnu, referindo-o como ‘Aquele que tem olhos de lótus’ (MW)” (GNERRE, 2013b, p. 1).

Nas gravuras indianas, deuses e deusas costumam aparecer em pé ou sentado sobre a flor, pois esta nada mais é do que o trono da suprema espiritualidade. No campo do feminino isso ocorre, por exemplo, com a representação de Lakshmi – a deusa da prosperidade, que Campbell (1994) indica como sendo a Deusa-Lótus. Uma das versões sobre sua origem afirma ter ela surgido com um lótus vermelho na mão, no Oceano de Leite. A flor de Lótus é seu suporte constante, seja em pé ou sentada, mas no Lótus não se percebe nenhuma pressão, nenhum desequilíbrio, nenhum esforço: a flor apenas a ampara docemente. Em inúmeras ilustrações ela aparece com quatro braços e, nessas representações, os dois posteriores carregam flores de Lótus, significando o conhecimento desenvolvido: conhecer a si mesmo é a finalidade suprema da vida. Quando é representada apenas com dois braços, em uma das mãos ela segura uma flor de Lótus.

E ainda assim, a figura mais proeminente na decoração de todos os primeiros monumentos budistas, rivalizando em proeminência mesmo com os símbolos do Buda e do nirvana, é a da deusa-Lótus, Sri Lakshmi, do panteão popular indiano. Ela aparece variadamente de pé ou sentada sobre um Lótus, elevando Lótus nas mãos, com botões e corolas de Lótus erguendo-se à sua volta em duas das quais podem aparecer elefantes, despejando água das trombas ou de jarros levantados com as trombas sobre sua cabeça e corpo de amplos quadris. (CAMPBELL, 1994, p. 308)

A adoração à Deusa Mãe, Deusa do universo, ou Durga existe, na Índia, há pelo menos 4000 anos, podendo remontar aos tempos védicos. Parvati, a esposa do Senhor Shiva, é uma forma de Durga, ou seja, ela é reencarnação de Sati, a primeira *shakti* de Shiva, protetora dos casamentos, da família, do amor, da fidelidade, da pureza e da fertilidade, a *shakti* bondosa, representada com lindas vestes e joias, de pé ou sentada sobre um lótus aberto. Sarasvati, a

Deusa da Sabedoria, forma feminina de Brahma, sendo sua companheira e filha por ter surgido diretamente da matéria do Criador e tê-lo desposado. Ela é frequentemente representada como uma bela jovem de quatro braços, sentada sobre uma flor de lótus branca, símbolo da transmutação ou do conhecimento, trazendo em uma das mãos uma flor de lótus para oferecer a Brahma. Pode ser representada como uma jovem com apenas dois braços que toca um instrumento de cordas, mas aí, também, encontra-se sentada sobre uma flor de lótus. A deusa transcendental Srimati Radharani é a contraparte direta do Senhor Sri Krishna (oitava manifestação de Vishnu). Rupa Gosvami, no século XVI, escreveu uma série de textos em sânscrito sobre filosofia, poesia, teatro e dramaturgia. Num desses textos (*Vidagdha-madhava*) ele descreve a beleza de Srimati Radharani, dizendo que a beleza de seus olhos é igual a força e a beleza de flores recém desabrochadas de lótus azuis; a beleza de sua face é maior ainda que uma vastidão de lótus florescidos.

Existe a crença de que o conhecimento espiritual supremo é comparado ao florescimento de uma flor de Lótus na cabeça.

O Lótus também é encontrado na yoga, que consiste na prática de um compêndio doutrinário hindu, significando o caminho a se adotar para se perceber o Deus interior. Desenvolve-se por meio de práticas avançadas de meditação que requerem a observância de uma posição específica do corpo, mormente a posição sentada que é denominada *Padmasana* ou *Postura de Lótus*, que “significa literalmente, ‘o *āsana* de Lótus (*Padma*)” (GNERRE, 2013b, p. 1).

Feuerstein (1998, p. 168) lembra que os chacras são também chamados de rodas (cacras) ou de lótus (*padma*), por causa de sua forma e pela existência de um movimento turbilhonar que eles apresentam, bem como “por causa da maneira como correntes de prana terminam ou são emitidas a partir deles”³⁷. E acrescenta que nas pessoas comuns, como os chacras funcionam em um nível muito baixo, eles podem ser comparados a flores de lótus fechadas (Id., p. 150).

Assim os centros de energia no corpo humano ou *Chakras* ou *Cakras* são representados por flores de Lótus. Ou seja, a pura e imaculada flor de Lótus que flutua bela, mesmo quando sobre as águas mais sujas e, segundo os iogues, essa postura traz equilíbrio e eleva o praticante através da consciência comum para o estado de supraconsciência.

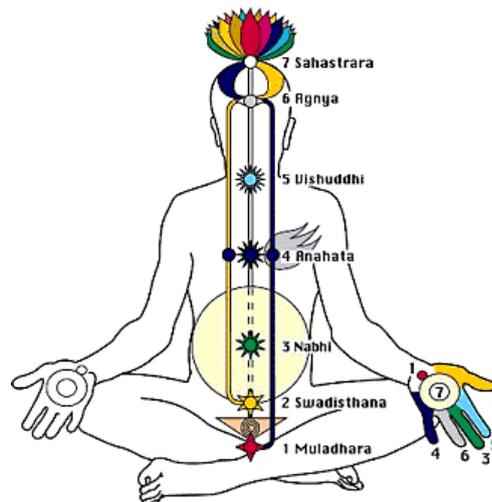


Figura 2: A representação dos chakras

O lótus na base da sushumna, chamado de a “a base da raiz” (Muladhara), é descrito como sendo de cor carmim e de quatro pétalas (...). O segundo lótus da série, chamado Svadhishtana, (A Morada Especial Dela), está no nível dos órgãos genitais. É um lótus vermelho de seis pétalas (...). O chacra três, a altura do umbigo, é chamado de Manipura, “Cidade da Joia Brilhante”, por seu calor e por sua luz ígnea (...). O Lótus tem dez pétalas escuras como cúmulos de trovoadas extremamente carregados (...). O quarto chacra, no nível do coração (...). E o nome desse centro é Anahata, “Não Tocado”, (...).^{xi} O quinto que está no nível da laringe e que é chamado de Vishuddha, “Purificado” (...) tem 16 pétalas em tom roxo esfumado. (...) O sexto chacra conhecido como Lótus do “Comando”, Ajna fica em cima e entre as sobrancelhas (...) com duas pétalas do mais puro branco (...) [o sétimo chacra tem] seu lótus, Sahasrara, “Mil Pétalas”, suspenso de cabeça para baixo, derramando raios nectáreos mais luminosos do que a Lua (...). (CAMPBELL, 1994, p. 328-364)

1709

No hino tântrico, tem-se que “Devi, a deusa poderosa, migra de sua morada inferior (no cakra básico, o Mūladhara) para a morada de Śiva percorrendo o bonito caminho do suṣuṁṇā, sobre o qual se abre na forma do lótus de mil pétalas: o próprio Sahasrāra cakra” (GNERRE, 2013b, p. 2).

O Tantra é baseado em dois elementos polares da vida humana, os elementos do sexo feminino e do masculino. No sistema de yoga tântrico este par de masculino e feminino tem a forma de Shiva e Shakti, dois deuses da tradição hindu e da cultura tântrica.

Assim, o lótus é a manifestação da energia Kuṇḍalinī^{xii} que aflora quando chega ao ápice de seu percurso, e se funde com o próprio Śiva em sua morada superior. Por isso o corpo da deusa é a própria inteligência, a matriz de toda a criação, que na forma de lótus revive continuamente a espiral da criação de todo o universo. É este enorme poder de Padmā, enquanto manifestação suprema da Shakti, que está implícito no próprio nome da postura – uma das mais indicadas pelos mestres para se entrar em estados meditativos superiores e no próprio Samādhi. (GNERRE, 2013b, p. 2)

Destarte, o lótus está de forma indissolúvel associado ao sagrado feminino. Como o tantra encontra-se baseado quase inteiramente no culto de Shiva e Shakti, visualiza o Brahman definitivo como Param Shiva, manifesto através da união de Shiva (a força ativa, masculina) e Shakti (a força passiva, feminina, de sua esposa, conhecida também como Kali, Durga, Parvati

e outras).

(...) sendo a própria deusa Padma, que aparece em iconografias hindus e budistas como força criadora do universo, a força criativa que impele todos os seres a sua própria existência. Embora a postura do Padmāsana seja uma das mais antigas da tradição do Yoga (sendo anterior a esta “explosão” de posturas que ocorre no período tântrico da Hatha Yoga), é justamente neste contexto tantrista que a associação com o sagrado feminino ganha significados especiais. Afinal, Padma é também uma forma da própria mahādevī, para a qual se prestam inúmeras e belas reverências, como no bhairavistotra, um dos principais hinos da tradição Shakta do tantrasāra (GNERRE, 2013b, p. 2).

A flor de Lótus no budismo tibetano

Também nas pinturas tibetanas, linhagens de *buddhas* e *arhats* aparecem flutuando sobre flores de Lótus.

Os troncos onde Prajnaparamita e Manajurish acham-se sentados são grandes flores de Lótus de cor rosa, sendo que ambos estão na posição Padmasana.

Prajnaparamita ou “perfeição da Sabedoria” é um conceito central no Budismo Mahayana e sua prática e compreensão são tomados como elementos indispensáveis para o Caminho do Bodisattva. Sua representação imagética representa:

(...) a realização e a felicidade na esfera transcendental (...) fonte e incorporação da vida mais profunda que é transcendental. Ela emite raios de sabedoria iluminadora que nos libertam das agonias de nossa consciência limitada, presa à sucessão de reencarnações. (Heinrich Zimmer, apud Campbell, 1994, p. 213)

1710

Manjushri é a Sabedoria de Buda - a corporificação da sabedoria onisciente de todos os seres iluminados. Sua mão esquerda está no mudra de ensinar o Dharma e segura hastes de flor de Lótus onde se apoia o sutra Perfeição de Sabedoria, que tem sua origem muito além dos opostos ilusórios, rompendo o que é dual, distinguindo o que é meramente temporal do que é eterno; o que é instável, alterável, do que é permanente; ou seja, acha-se ligado ao que realmente fica. A espada flamejante em sua mão direita simboliza o poder da sabedoria que corta a ignorância, raiz de todo sofrimento. (CAMPBELL, 1994)

Em suas representações, o belo das cores, das formas, dos símbolos se impõe à nossa experiência objetiva e convidam nossa pura intuição, nos dizendo que a natureza se impõe à nossa experiência objetiva. (SCHOPENHAUER, 2003)

O mito por trás destas imagens estabelece em nós, o desejo de descobrir a essência revelada, e encontrar o paraíso apenas insinuado, o território do bem e da sabedoria, para além de toda ignorância. Pois corpo (Prajnaparamita e Manajurish) e natureza (Lótus) aqui são unificados em completa estruturação estética.

Eis porque a natureza, por meio de sua beleza estética, faz efeito de maneira tão benéfica sobre a

mente. O poder com que ela nos solicita à pura intuição é tão forte, que muitas vezes ela se abre ao nosso olhar de um só golpe, quase sempre possibilitando obter êxito em nos liberar da ocupação com o nosso si-mesmo sofredor e seus fins, em nos desprender da subjetividade, em nos libertar da escravidão da vontade e nos colocar no estado de puro conhecer, embora muitas vezes só por um instante. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 93-4)

A busca da autenticidade e a primordialidade que se encontram na vivência da mitologia, exploram o caminho de volta à origem. Assim, no percurso de investigação da fundamentação mitológica, o fenômeno das formas da origem é o guia para a fenomenologia do mito, para a hermenêutica do símbolo (JUNG; KERÉNYL, 2011) e é nesse contexto que se pode percorrer o caminho do nascimento milagroso de Sidarta Gautama, o Buda Shakyamuni e de Padmasambhava, o Mestre Precioso.

Nas escrituras budistas, no Tibete, encontra-se que uma rainha de nome Maya, casada com o rei Suddhodana, teve um sonho estranho: Ela estava deitada num palácio dourado, quando apareceu um elefante branco com uma flor de Lótus na tromba, e este elefante entrou em seu ventre através do lado do peito. Naquela noite, uma flor de Lótus cresceu a partir dos oceanos para o céu de Brahma, pois o Lótus contém a essência de toda a criação. Brahma recolhe a essência em uma tigela, e dá ao Buda para beber como um sinal de honra^{xiii}.

Planejando ter o filho na casa de seu pai, Maya viajou para lá. No caminho, ela parou para descansar em um jardim. Precisando apoiar-se, alcançou um ramo florido, quando de repente, sem dor, teve a criança. Milagrosamente o pequeno Buda já podia andar ao nascer e a cada passo que a criança “iluminada” dava, brotavam flores de Lótus de suas pegadas – uma das assinaturas de sua origem divina. Ou seja, ele não é uma criança comum, mas já pelo seu nascimento ele se revela e, ao mesmo tempo, revela o Lótus como um símbolo, claramente reconhecido como sagrado: os Lótus são símbolos de seu próprio florescimento até a perfeição.

Assim, têm-se aqui a criança prototípica de Jung e Kerényl^{xiv} (2011) que se faz tantas vezes acompanhar dos seus símbolos (joia, pérola, flor, vaso, ovo de ouro, bola de ouro, etc.) e que se define pelo maravilhoso de sua gênese e de sua vida.

Essa cosmogonia se mostra, muito além do sujeito individual, na arte de pintores que captaram esse nascimento como um instante do belo, como um instante de encanto, como forma pura de conhecer, que, em sua manifestação, remete ao arcaico essencial, direcionando para a origem. Nesse sentido, cada representação imagética refere-se a um universo de imaginários, que se expressa numa abundância de imagens, ritos e textos, tudo concretamente ordenado. Ou seja, o belo no mais completo sentido da metafísica de Schopenhauer (2003).

Também as cenas que tratam da iluminação de Sidarta sob a árvore bhodi mostram-no sentado sobre uma flor de Lótus. Nessas representações da iluminação de Buda ressalta-se a flor de Lótus, fora de seu habitat, porque ela serve como único trono possível para o Buda, que se eleva acima de seus discípulos. Seu significado remete novamente à iluminação, sabedoria, conhecimento, perfeição.

Outro relato que remete ao estudo da simbologia da flor de Lótus é o do nascimento de Padmasambhava.

Padmasambhava introduziu o budismo no Tibete, linhagem Vajrayana. É conhecido pelos tibetanos como Guru Rinpoche ou Mestre Precioso. A tradição diz que ele foi uma emanção do corpo de *Amitabha*, da fala de *Avalokiteshvara* e da mente de *Shakyamuni*. Sua meta específica era a de facilitar a disseminação do budismo naquele período crucial do nascimento do budismo tibetano. Seu nome significa “aquele que nasceu do Lótus”, sendo seu nascimento também, milagroso.

A lenda de seu nascimento diz que no meio do lago Dhanakosha, no reino de Oddiyana^{xv}, estava um grande Lótus multicolorido, nele havia um *vajra*^{xvi} dourado, marcado com uma sílaba-semente “Hrih” que tinha sido emanada do coração do Buda Amitabha^{xvii} em sua terra pura^{xviii}, Sukhavati (tib. Dewachen/bDe ba chen).

Essa Terra Pura fica localizada à margem de um grande lago de Lótus.

E todos os que invocam seu nome renascem sobre os Lótus daquele lago, alguns em cálices abertos, outros ainda dentro de botões, segundo seus vários estágios espirituais, pois nem todos, na hora da morte, estão preparados para a plenitude da radiante luz redentora. (CAMPBELL, 1994, p. 312)

No momento de seu nascimento imaculado, Guru Rinpoche já tinha o desenvolvimento físico de uma criança de oito anos e todas as marcas maiores e menores de um grande ser. Quando o Lótus se abriu, Guru Rinpoche estava de pé em seu centro, segurando um *vajra* e um Lótus em suas mãos.

A simbologia das cores do lótus

A cor do Lótus tem uma influência importante sobre a simbologia associada a esta flor, cada cor representando uma qualidade ou virtude: a flor de Lótus branca representa o estado de perfeição espiritual e mental; Lótus rosa é a representação suprema, geralmente reservada para as mais altas deidades, sendo, naturalmente, associada ao Grande Buda; Lótus vermelha, significando a natureza original e pureza do coração (hrdya), flor de Avalokiteshvara, o Bodhisattva da compaixão; Lótus azul, significando a sabedoria do

A interpretação da segunda linha da oração – maneira pela qual nasceu – diz que:

No caule ornamentado pelo pistilo, folhas e pétalas de uma Lótus, nasceu Guru Rinpoche. Todas as qualidades e bênçãos dos três segredos (corpo, fala e mente) de todos os Budas vieram unidas na forma da sílaba HRIH, e dissolveram-se no coração de Buda Amitaba. De seu coração, uma luz de cinco cores espalhou-se e desceu ao pistilo da Lótus. As cores transformaram-se na forma de Guru Rinpoche, e ele então nasceu no miraculoso modo do nascimento na Lótus. (PINHEIRO, s.d., s.p.)^{xx}

CONCLUSÃO

O Lótus é uma significativa metáfora no budismo, aparecendo em toda a cultura tibetana, embelezando as artes têxteis, cerâmicas, arquitetura, pintura e poesia. O Buda Shakyamuni e Padmasambhava são associados a essa flor desde seus nascimentos e quase sempre são representados sentados ou em pé sobre ela ou tendo uma pequena flor em suas mãos: nesse contexto o lótus representa tanto o trono quanto a própria sabedoria desses seres perfeitos.

Na arte representativa de momentos das vidas de deuses e deusas em sua relação com a flor de Lótus, podem ser reconhecidas as graduações do Belo enquanto experiência arquetípica fundadora, original. Arte que se revela infinita, quando nos aprofundamos na busca das concepções de cada elemento que a compõe, na medida em que são símbolos significativos compondo um símbolo maior: o invisível, então, se manifesta no visível.

1714

Referências Bibliográficas

- ALVES, Liane Camargo de Almeida. Lótus a flor sagrada. In Revista Terra. São Paulo: Ed. Abril, fev. de 2000.
- BRANDÃO, Junito. Dicionário Mítico- Etimológico. Petrópolis/RJ: Editora Vozes. 1993.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. A Imagem Mítica. Campinas/SP: Papirus, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. *As Mascaras de Deus – Mitologia Oriental*. Tradução Carmen Fischer. São Paulo: Palas Atenas, s/d. Disponível em: <http://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-as-mascaras-de-deus-vol-ii-mitologia-oriental.pdf>. Acesso em novembro a dezembro de 2013.
- CAMPBELL, Joseph. O herói das mil faces. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- FEUERSTEIN, Georg. Tantra: the path of ecstasy: an introduction to Hindu tantrism. Boston/Massachusetts: Shambhala Boston & London, 1998.
- JUNG, Carl Gustav; KERÉNYI, Karl. Criança Divina: Uma Introdução à Essência da Mitologia. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.
- JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. O Segredo da Flor de Ouro (Tai I Gin Hua Dsung Dschí). Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1984.
- PINHEIRO, Eduardo (Padma Dorje). O significado da Prece de Sete Linhas. Disponível em: [http://tzal.org/o-significado-da-prece-de-sete-linhas/#p\[HYNHYN\]](http://tzal.org/o-significado-da-prece-de-sete-linhas/#p[HYNHYN]). Acesso em outubro a

dezembro de 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ELIADE, Mircea. *Yoga – imortalidade e liberdade*. Tradução de Teresa de Barros Velloso; transliteração sânscrita de Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 1996.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. Prefácio de Silveira Bueno. E-booksBrasil, 2009 (<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiapdf>)

GNERRE, Maria Lucia Abaurre. O corpo é um Templo: história do corpo na tradição do Hatha Yoga. In SANTOS, João Marcos Leitão (Org.). *Religião: a herança das crenças e as diversidades de crer*. - Campina Grande: EDUFCEG, 2013. p. 103-116.

JEFFREY, Jason. [Mystery of Shambhala](#). In New Dawn Magazine - publicado em fev/2002 (acessado em dezembro de 2014).

SHEN-MILLER, Jane. Genoma do “lótus sagrado” poderá revelar segredos da vida eterna. In *Diário da Saúde*. Edição eletrônica de 07/06/2013. Disponível no site: <http://www.diariodasaude.com.br/news.php?article=genoma-lotus-sagrado-segredos-vida-eterna&id=8891>. Consulta em dezembro de 2014.

NOTAS DE FIM

-
- i A religião Bon – existente no Tibet, antes do budismo – o chama de *Olmolungring*.
- ii As imagens yab-yum (significando, honorável-pai e honorável-mãe), em termos simbólicos, representam os vários estados extáticos. Yum, a Mãe, representa *prajna*, a suprema sabedoria, que também é *sunya* (o Vazio, o nada). Yab, o Pai, representa *upaya*, o método que também é *karuna*, ou a dinâmica da compaixão. Quando os dois se tornam um, é alcançado o estado mais elevado.
- iii Essa união personifica aquele estágio em que o adepto do Budismo Tântrico desenvolveu uma natureza igual a do diamante, além de qualquer dualidade.
- iv Como por exemplo, os nascimentos do Buda Shakyamuni e de Padmasambhava, personagens emblemáticas na origem do budismo tibetano, nascimentos que são misteriosos e mágicos intimamente ligados a flor de lótus.
- v Poema composto pelo poeta grego Homero durante o oitavo século antes de Cristo (entre 701 e 800 a.C.) que conta as aventuras do guerreiro grego Ulisses (ou Odisseu) após a Guerra de Tróia.
- vi Os lotófagos são citados em três versos da Odisseia: “*Dias nove/ Pelo piscoso ponto flutuando, /No dezeno aos Lotófagos arribo/Que apascenta uma planta e flor cheirosa*” (...) (Verso 64); “*Primeiro expôs o estrago dos Cíclopes, /É a terra dos Lotófagos ubérrima*” (Verso 235) e em “*Nas mimosas campinas em que imperas, /Onde à larga germinam lotó*” (...) (verso 460).
- vii Astrônomo, escriba e sacerdote no reinado de Tutmés IV, 8º Faraó, da 18ª dinastia do Egito, aproximadamente no século 14aC.
- viii Existe uma distinção entre Brahman e Brahma. O primeiro é tido como o Senhor Supremo ou Última Realidade, Onipotente, Onisciente e Onipresente, do qual tudo provém e ao qual tudo retorna. O segundo, que faz parte da *Trimurti* (Brahma, Vishnu e Shiva) é considerado apenas como um aspecto ou uma manifestação do Ser Supremo.
- ix Um kalpa tem nada mais nada menos que 4 bilhões e 320 milhões de anos. Depois de cada kalpa, Brahma dorme pelo mesmo longo período.
- x The most stable structures of the subtle body are known as “wheels” (*cakras*) or “lotuses” (*padma*) because of their circular form and whirling motion and also because of the way in which the *prana* currents terminate at or issue from them. (FEUERSTEIN, 1998, p. 168).
- xi Quarto Chakra (coração): Lótus verde esmeralda de 12 pétalas.
- xii Nota de pé de página do texto de GNERRE (2013b): *Kunḍalini Śakti* é um elemento fundamental da anatomia sutil do Yoga tântrico. A imagem utilizada para representar a *Kunḍalini* é a de uma serpente de energia prânica enroscada três vezes e meia ao redor do Chakra básico, o primeiro dos sete

principais centros de energia do corpo humano, segundo a tradição. É tarefa do Yogue tântrico “despertar” este poder serpentina, que deve subir pelos demais centros de energia.

xiii Esta é uma das cenas mais populares na arte budista antiga.

xiv Jung classifica a criança que, como elemento “mitogênico”, aparece no psiquismo inconsciente, ao que ele dá o nome de “inconsciente coletivo”, na categoria dos “temas” (Motive), “imagens primordiais” (Urbilder), “tipos” (Typen) e de “arquétipos” (Archetypen).

xv Tradicionalmente identificado com o Vale do Swat do Sul da Ásia, no atual Paquistão.

xvi Vajra significa tanto diamante (indestrutibilidade da essência espiritual) quanto relâmpago (aquilo que ilumina velozmente). A palavra tibetana equivalente é *dorje*, também significa o nome do pequeno cetro usado pelos lamas na mão direita.

xvii Amitābha é um Buda celestial, sendo tido como o Buda do amor abrangente. É descrito nas escrituras da escola Mahayana do budismo, sendo, também, conhecido no Tibete, onde é invocado como Amitaba ou como Amida.

xviii “O Reino Búdico de Amitabha surgiu, segundo se conta, pela virtude do voto que esse particular Salvador do Mundo fez quando era ainda um bodhisattva. Esse voto consistia na renúncia à iluminação para si mesmo a não ser que por seu Estado de Buda ele pudesse levar ao nirvana lodo aquele que apelasse para seu nome – mesmo que não fizesse mais que repeti-lo dez vezes. E o poder de sua ioga era tal que em seguida surgiu no Ocidente um reino puramente visionário, o Reino da Felicidade (...), onde ele agora está sentado para sempre, como um sol se pondo (que, entretanto, jamais se põe), permanecendo para sempre (amitāyus), imensuravelmente brilhante (amitābha)”. (CAMPBELL, p. 312)

xix No Tibete, os discípulos da linhagem Nyingma recitam a Prece Vajra de Sete Linhas ao Guru Rinpoche três vezes antes de recitar quaisquer outras orações, fazer qualquer meditação ou realizar qualquer cerimônia. Muitos devotos repetem-na centenas de milhares de vezes, recitando-a durante todo período de vigília como sua principal oração, respiração, vida e contemplação.

xx Retirado de "Enlightened Journey" de Tulku Thondup, © 1995. Versão em inglês utilizada através de acordo com Shambhala Publications, Inc. Publicado por Buddhayana, Primeira Edição, 1979; segunda edição, 1989. Traduzido para o português por Padma Dorje em fevereiro de 1999. Disponível em [http://tza.org/o-significado-da-prece-de-sete-linhas/#p\[LCdi\],h\[MsdPdf,null,NTtoMdr,2\]](http://tza.org/o-significado-da-prece-de-sete-linhas/#p[LCdi],h[MsdPdf,null,NTtoMdr,2]).